

SUZAN SAXMAN

com Perdita Finn

ENTRE DOIS MUNDOS

TRADUZIDO DO INGLÊS POR

JOHN ALMEIDA

ASA



A fingir ser uma criança

Não interessa para onde vá viver, nem quantas vezes mude de nome ou a cor de que pinte o meu cabelo, as pessoas encontram-me. Eu não faço publicidade. Não tenho página de Internet. Nem sequer atendo o telefone. E no entanto, quando chego à minha loja de roupa usada na cidade, estão lá pessoas à espreita no parque de estacionamento na esperança de obterem uma leitura minha. «É urgente», dizem-me. «Estou desesperado», imploram. «Ouvi falar do que sabe fazer.»

Aparecem com fotografias, madeixas de cabelo, camisas sangrentas desfeitas por balas, e tantas perguntas, centenas de perguntas, sobre o outro lado.

E não são apenas os vivos que são persistentes. Os mortos também me perseguem. Sempre o fizeram. Mesmo antes de os vivos saberem o que eu conseguia fazer, os mortos já faziam fila, perto de mim, e exigiam que eu transmitisse as suas mensagens através do véu. «Desculpa.» «Amo-te.» «Porque compraste aquele carro?» «Diz ao Bobby que é uma besta.» «Não deites fora as minhas coisas!»

No outro dia um casal veio falar comigo porque estavam preocupados com a sua filha, que sofria há meses de uma doença misteriosa. Levei-os à minha sala de leitura, um pequeno recanto perto dos vestidos vitorianos que eu vendo ao pessoal do steampunk. Sentei-os em bancos em frente a uma mesa com cartas de tarô e cristais.

Não preciso de nada especial para comunicar com o outro lado. Mas acalma as pessoas se tiverem algo para tocar ou fazer quando lhes faço uma leitura, um pouco como os ursinhos de peluche no consultório de um psicoterapeuta. Mas antes de poder sequer pedir a essas pessoas para pegarem numa carta, o espírito de um homem alto e magro com uma barba desgrenhada entrou na sala aos tropeções. Parecia incrivelmente desconfortável, até envergonhado.

– Quem é o Paul? – perguntei.

– Paul?

– Paul?

O casal entreolhou-se, confuso. O nome não lhes dizia nada.

Mas agora eu estava a ver mais acerca deste homem.

– O Paul está a dizer-me que vive numa caixa de cartão na vossa sala de estar.

A mulher ofegou e agarrou na mão do marido. O rosto do homem empalidecera.

– Porque vive ele numa caixa de cartão na vossa sala de estar?

– perguntei. Frequentemente é difícil entender o que vejo. – Oh – apercebi-me de imediato. – Ele está morto.

Ao que parece, quase um ano antes, a mulher concordara em ficar com as cinzas do ex-marido da irmã, que fora um bêbado terrível que morrera indigente e totalmente só.

– Eu na verdade não sabia o que fazer com ele – disse ela. – Pus a urna, que está numa caixa de cartão, atrás da estante e acho que nos esquecemos dela.

– Bem, o Paul quer sair da vossa casa, isso é certo – disse-lhes eu.

– Ele detesta lá estar. Sabe que nunca gostaram dele. Sente muita vergonha. Não quer saber onde enterram as suas cinzas, livrem-se delas. Ele precisa de seguir viagem. Precisa realmente de o fazer.

– É por isso que a nossa filha está doente? – perguntou o homem, preocupado.

– Oh, não – disse eu, lembrando-me do motivo por que haviam vindo. – Isso é outra coisa. Algo pequeno. Uma carraça. – Eu conseguia

vê-la a subir pela perna de uma rapariga. – Doença de Lyme? Febre da carraça?

– Eu sabia! – disse a mulher. – Eu disse ao médico que era isso, mas ele não acreditou em mim.

– Há um teste – disse eu à mulher. – Não o que o médico fez, outro. Peça-lhe o outro teste.

– Como sabe isso? – perguntou o homem. – O que é a senhora, afinal? Intuitiva? Médiun? Vidente? Tem poderes paranormais?

Encolhi os ombros. Não sei o que sou, realmente. Nunca soube. Mas sempre fui assim. Vejo coisas que mais ninguém parece ver, pedaços do futuro, vidas passadas, histórias esquecidas, segredos escondidos, um anjo ou dois, alguns demónios, e os mortos. Os mortos estão em todo o lado. De vez em quando consigo esconder-me dos vivos, mas nunca me consigo esconder dos mortos. O que sou? Não sei. Mas entre limpar a porcaria dos meus animais de estimação e vender joias na minha loja, falo com os vivos, falo com os moribundos, falo com os mortos.

*ESTE É O ASPETO DE UM AMIGO
INVISÍVEL DE UMA MÉDIUM*

Assim que comecei a falar, soube que não podia deixar que alguém ouvisse a minha voz verdadeira. Que idade teria? Um pouco mais de um ano? Talvez dois? Mas sabia que não era uma criança.

Senti-me como se estivesse a acordar de um sonho, e não sabia onde estava. Não sabia em que vida estava. Nem sequer sabia quem era. Suzan? Era esse o meu nome? A sério? Eu era uma mulher velha, mais velha do que qualquer pessoa da minha família. O que estava eu a fazer em Staten Island quando devia estar a viver numa casinha de campo algures em Inglaterra, ou a percorrer as ruas de Londres? Eu era uma mulher britânica idosa. Era assim que eu soava aos meus ouvidos, era essa a voz que ouvia na minha cabeça. Com certeza que não era uma criança.

Instintivamente, soube que se alguém descobrisse quem e o que eu era na verdade, correria perigo. Mesmo como uma criança que aprendia a andar e falar, estava em guarda. Sabia que não podia confiar em ninguém, nem sequer nos meus pais, especialmente nos meus pais. Especialmente na minha mãe.

O que aconteceria se ela descobrisse? Entregar-me-ia para adoção? Deixar-me-ia num cesto à porta de alguém? Denunciar-me ia às autoridades? Traria os padres e exorcistas? Queimar-me-ia na fogueira?

Todas estas eram possibilidades escassamente entendidas, que permaneciam, suponho, de vidas em que todas essas coisas haviam acontecido. Eu fui uma bebé velha e melancólica desde o início. Quem me queria?

Na minha memória mais precoce, a minha mãe entrou na sala de estar e disse:

– Quem deixou o rádio ligado?

Eu estava agarrada ao meu boneco preferido, um Gasparzinho, o fantasma amigável, e estivera a falar com ele. Com a minha voz verdadeira. A minha voz de velhota inglesa. Comecei a balbuciar quando a minha mãe entrou na sala, porque sabia que tinha de fingir que falava como um bebé.

O rádio não estava ligado. Eu puxei a corda do meu brinquedo e fiz com que o Gasparzinho falasse. Isso pareceu livrar-me de sarilhos. Desta vez.

Eu era muito nova quando comecei a contar à minha mãe as coisas que sabia sobre ela. Na minha mente, eu via-a como uma menina a puxar a minha tia Mary, incapacitada pela poliomielite, num carrinho de criança vermelho. Estavam junto à linha de comboio com um grupo de crianças, e a minha mãe tinha um vestido vermelho. Estavam a pôr moedas nos trilhos e à espera que um comboio viesse espalmá-las.

Disse à minha mãe o que vira.

– Eu nunca te contei isso – disse ela. – Como sabes que eu tinha um vestido vermelho?

– Eu vi-o – disse eu inocentemente. – Na minha cabeça.

– O que queres dizer, *na tua cabeça*?

– Tu foste má para a tia Mary. Eu também vi isso.

– Não fui. Como és capaz de dizer isso? Eu tinha de a ajudar a ir para toda a parte porque ela não conseguia andar, devido à poliomielite. Eu contei-te isso. Eu fazia qualquer coisa pela minha irmã.

Comecei a sentir-me ansiosa e assustada. A minha mãe estava zangada comigo e eu não entendia porquê. Comecei a chorar, mas não consegui evitar descrever o que via. Era demasiado poderoso. E eu sabia que era verdade.

– Mas tu atiraste-lhe aquela concha grande – disse eu. – Fizeste-lhe aquela cicatriz na testa.

A minha mãe olhou para mim, espantada.

– Como sabes isso?

– Vi-o – disse eu, e era verdade.

Estivera na sala com a minha mãe, e quando os meus olhos se haviam focado num objeto, numa cadeira, o olho dentro da minha cabeça testemunhara uma cena que se desenrolara no meu cérebro. O mundo ao meu redor esbatera-se, enquanto o filme dentro da minha cabeça aparecera perante o meu olho interior com total clareza.

As crianças junto aos trilhos, o azul do céu, o vestido vermelho da minha mãe, a concha na sua mão – vira-os como se estivessem em frente aos meus olhos. A menina pouco se parecia com a minha mãe de quarenta e três anos, mas eu sentia que era a mesma pessoa. Todos os seres têm a sua vibração única, seja qual for a sua aparência física atual, e eu consigo senti-la no lugar que se abre mesmo sob o meu coração.

O autoritarismo da minha mãe, a sua inquietude, e a sua fúria – eu reconhecera a sua essência imediatamente. Mas não conseguia articular nada disso quando criança. «Vi-o na minha cabeça» era a única coisa que eu conseguia dizer.

Soube logo que dissera algo de errado, que não devia ver aquelas coisas. O que eu dissera aterrorizara a minha mãe de uma forma que eu não entendia. Fê-la ficar zangada comigo. Mas eu não conseguia parar.

A minha mãe queria que a nossa família fosse o mais normal possível. Estávamos nos anos sessenta, e vivíamos numa casa colonial suburbana em Staten Island. O meu pai ia trabalhar todos os dias no hospital em Nova Jérsei, onde era diretor de serviços ambientais. A minha mãe arranjava as sobancelhas, punha maquilhagem e vestia um casaco bege para ir passear o cão. Não tínhamos capas de plástico nos móveis, mas era como se tivéssemos. Ninguém vivia na sala de estar. Ninguém vinha visitar-nos.

A minha mãe dormia no quarto dos meus pais sozinha. O pai dormia na sala da televisão, numa cama-gavetão. A minha irmã, dez anos mais velha do que eu, dormia num quarto azul, e eu devia dormir num quarto todo decorado de cor-de-rosa. Mas não conseguia.

Todas as noite eu dormia uns minutos, no máximo uma hora, e depois acordava sobressaltada. A pairar sobre mim estava a sombra gigante e escura de um homem. Tinha cabelo branco comprido, um chapéu preto de abas largas, e sob ele órbitas oculares que por vezes estavam vazias, e por vezes tinham chamas. Tirando os seus olhos, parecia-se um pouco com o homem das caixas de cereais *Quaker Oats*, que na verdade não é assim tão assustador quando está numa caixa de cereais, mas quando está ao fundo da cama a meio da noite e tem buracos em lugar de olhos, é muito assustador.

O sangue gelava-me nas veias quando ele aparecia. Era assim tão assustador.

Toda a minha vida, pouca coisa me assustou. A maioria dos filmes de terror diverte-me. Acho os romances de Stephen King fascinantes, mas não me arrepiam. Mas só pensar no homem do chapéu preto fez-me estremecer durante anos. E vê-lo realmente, como criança? Era para lá de aterrorizador.

Não me lembro da primeira vez que o vi, porque estava *sempre* a vê-lo. Nunca tive uma noite de sono em que ele não estivesse no quarto. Eu agarrava-me muito ao fantasma Gasparzinho e fechava os olhos, paralisada de terror, mas sabia que estava a ser observada. Abria os olhos, e lá estava o homem. Queria algo de mim. Eu não sabia o quê. Não era um ser efémero, translúcido, era tão real como os meus pais. Mesmo assim, eu sabia que ele era um espírito, que vinha de outro lugar, que era um intruso na nossa casa.

Como sei que alguém é um espírito quando me parece ter um aspeto tão sólido quanto uma pessoa real? É como aquelas fotografias em que se tem de identificar a coisa que não pertence. Um espírito tem sempre algo que o denuncia, que me dá a entender que não encaixa bem no quadro da realidade. Algo está mal. Pode ser

muito subtil, mas o homem de preto não era de todo subtil. Não tinha olhos. Vinha do mundo da morte; toda a sua essência era da morte.

– O homem do chapéu! O homem do chapéu! – gritava eu finalmente, descobrindo a minha voz. A minha mãe, aborrecida, entrava no meu quarto a correr, certa de que eu estava a ser assassinada. Mas nunca lá estava ninguém. Quando os meus pais chegavam ele já tinha ido embora. O meu pai procurava um intruso e verificava as portas.

– Não é nada – diziam. – Volta para a cama.

Mas eu não conseguia. Porque ele voltaria assim que eles fossem embora.

Depois de estar outra vez sozinha, e a casa estar em silêncio, ele reaparecia como uma visão do inferno. Finalmente, quando não suportava mais o terror, esgueirava-me da cama e corria para o quarto da minha mãe.

Ela tolerava a minha chegada. Não me abraçava, tocava nem acalmava com carícias. Ficava deitada num lado da cama, e eu no outro. A minha mãe tinha cabelo loiro comprido que soltava à noite, o que lhe dava um aspeto fantasmagórico e aterrorizador. Ela também me assustava, mas para onde podia eu ir? Não podia ficar sozinha, senão o homem do chapéu preto apareceria. Escolhi a frieza da minha mãe em vez do terror frio com que ele me acordava.

As crianças são conscientes quanto ao mundo espiritual de uma forma que os adultos aprenderam a não ser. Uma mulher cuja filha tinha um amigo invisível veio ver-me para uma leitura. A criança exigia que dessem ao rapaz invisível um prato com comida ao jantar, e um lugar a seu lado no carro. É claro que o rapaz não era visível para a mãe e que tudo se tornara desesperante. Mas não era invisível para mim. Era o espírito de um rapaz da vizinhança da menina que morrera muitos anos antes, e que estava solitário e precisava de amigos.

Há espíritos a toda a nossa volta, e as crianças conseguem vê-los. Os pais dizem-lhes que os espíritos não são verdadeiros, que

não interessam, e lentamente as crianças aprendem a ignorá-los, e por fim esquecem-se da forma de os ver.

Há monstros debaixo da cama? Por vezes há mesmo.

Surpreendentemente, eu não tinha um amigo invisível que também fosse criança, apenas o meu homem demoníaco da *Quaker Oats*. Faz sentido.

A minha mãe nunca tentou explicar a sua aparição como outras mães poderiam tentar, nem admitiu a sua existência e tentou explorar quem ele poderia ser. Ainda assim, segredava às minhas tias quando achava que eu não estava a ouvir: «A Suzan viu o homem do chapéu outra vez.»

Eu sabia que a minha irmã mais velha não tinha essas experiências. Sabia que os meus pais não as tinham. Sabia instintivamente que se tentasse falar sobre o que via, eles revirariam os olhos e abanariam a cabeça como se fosse tudo tolice. Mas conseguia sentir o seu medo todas as noites em que chamava por eles. A minha primeira lição como criança foi não falar sobre o que me estava a acontecer porque também assustava a minha mãe.

Uma noite estava febril e vomitei na cama da minha mãe.

– Vomitaste na cama! – gritou ela, enojada. – Eu estava a tentar dormir. O que passa contigo, afinal? Vomitaste!

Eu fiquei envergonhada e humilhada. Fiz tudo mal. Mas não podia ir para outro sítio.

Talvez tivesse ajudado se a minha cadela fosse autorizada a dormir no meu quarto – mas a *Muffet* estava permanentemente exilada na cave. Eu costumava ir lá abaixo sentar-me ao seu lado no chão de cimento. Eu conseguia sentir os seus pensamentos. Estava furiosa e confusa. Não entendia porque fora salva do canil só para acabar a viver na cave. Sabia como ela se sentia.

Eu também era de uma espécie diferente. Se a minha mãe pudesse também me teria trancado algures. Eu costumava pôr o braço à volta do meu rosto e chupar a minha pele. Tinha feridas em forma de boca na curva dos braços. Nunca tive um biberão, uma chupeta, nem sequer o meu polegar. A minha mãe não acreditava

em deixar chupar o polegar. Não me lembro de alguma vez alguém me abraçar. Abraçava-me a mim própria como um morcego. Era um animal transtornado a roer uma ferida, a tentar desesperadamente reconfortar-me.

O meu coração estava sempre a bater depressa. Tinha tantos segredos dentro de mim que queriam sair. Por vezes eu desatava a chorar, com aquela frustração toda.

– Oh, Suzan, para com isso – dizia a minha mãe. – Para já com isso.

A minha mãe julgava-se religiosa, mas nunca rezou comigo, nem sequer me levou à igreja nem me ofereceu os confortos da religião. Fora educada como católica, e no seu quarto havia uma estatueta da Virgem Maria. Estava sempre a falar da Santa Mãe, como era perfeita, como era casta.

Eu melindrava-me com a Virgem, toda coberta de vestes azuis e brancas como se escondesse alguma coisa. Havia nela algo de falso. Ou talvez eu a tivesse confundido com a minha mãe.

– Não há outra Maria? – perguntei.

– De que é que estás a falar?

– Eu gosto da outra Maria.

– Maria Madalena?

– É essa – disse eu. – Essa.

Reconheci o seu nome. Vi-a na minha mente, uma mulher com cabelo escuro comprido, nua a dançar na floresta. Ela era da floresta; fazia parte da natureza; ela *era* a natureza, a essência da natureza. Era liberdade, riso e música. Não via nada disso na estátua da minha mãe. Essa Maria estava presa por baixo das suas vestes castas azuis e brancas, controlada pelos homens. Ela era o que os homens queriam que as mulheres fossem. O meu coração desejava a outra Maria, a indómita. Mas essas sensações estavam presas dentro de mim e eu não fazia ideia de como as exprimir. Os meus pensamentos eram demasiado grandes para a minha cabecinha, e eram sombrios, profundos e selvagens.

– A Maria Madalena não era uma senhora muito simpática. Como sabes dela? – Os olhos da minha mãe semicerraram-se.

– A televisão – menti. Não fazia ideia de como sabia que havia outra Maria, mas sabia.

– Não precisas de saber nada sobre a Maria Madalena – disse a minha mãe. Vi que ela não gostava dela.

Eu também sabia que a minha mãe não gostava de crianças. Ela disse-mo. Por vezes lembrava-se de acrescentar como uma ideia *a posteriori* que gostava de mim e da minha irmã, e por vezes não se lembrava. Decorou a nossa casa com figurinhas *Hummel*, raparigas e rapazes alpinos de faces rosadas. Eram assustadoramente animados, no seu estado congelado de felicidade. Eu achava-os hediondos. Era esta pessoa que eu tinha de ser? Uma cantora da família Von Trapp?

Ela obrigava-me a usar vestidos de veludo e sapatos dourados, fatiotas tão finas que as outras crianças do jardim de infância me chamavam princesa Suzan quando eu ia à escola, mas nunca me lembro de me ter dito que me amava.

No jardim de infância os professores aperceberam-se de que eu era praticamente cega. Sempre me habituara a que o mundo fosse esbatido e desfocado, mas agora não conseguia ver o quadro. A minha mãe levou-me ao optometrista, e ele disse-nos que eu precisava de lentes corretivas grossas.

A minha mãe deixou-me escolher uma armação de plástico em rosa pastel que me fazia sentir bonita. No entanto, quando chegámos a casa disse-me que ficava feia.

– Não te favorecem nada. Espero que não deixes que ninguém te veja com eles.

Perdi-os imediatamente, e tudo ficou esbatido outra vez. Conseguia ler palavras impressas, mas o mundo mais alargado não existia para mim. É espantoso que nunca tenha sido atropelada. Era mesmo cega.

Conseguia ver os mortos à minha volta, no entanto, com toda a clareza. Tudo o resto era esbatido, mas os espíritos tinham contornos, detalhe, brilho. Estava a vê-los com o meu terceiro olho, e ao que parecia esse olho não precisava de óculos. Mesmo hoje, gosto

de fazer leituras cegas. Os meus olhos estão abertos, mas eu tiro as lentes de contacto e deixo que o mundo real se esbata, para poder focar o mundo espiritual.

À noite, na cama com a minha mãe, acordava frequentemente e via três espíritos a observar-me. Eram figuras masculinas vestidas com túnicas e capuzes. Sabia que eram sagradas e sábias; irradiavam paz e faziam-me sentir perfeitamente serena. O homem do meio era alto, com uma barba preta. Assentia com a cabeça na minha direção; eu assentia de volta. Sorria quando reconhecia a sua presença, mas nunca falámos. Eu acordava e via-os, geralmente por volta das três da manhã: a hora das bruxas, a hora de Deus.

Durante todo o dia eu ansiava pelo momento em que veria os meus três homens, e entrava em pânico se por alguma razão não os visse. Mas eles vinham quase todas as noites até eu ter dez anos, que é a idade em que até as crianças normais deixam de ver os amigos invisíveis. A minha mãe estava sempre a dormir quando eles apareciam. Eu sabia que eles não viriam se ela estivesse acordada. Até hoje não sei exatamente quem eles eram. Mas pressenti que os conhecia há vidas, e de alguma forma sabia que eram os meus guardiões. De alguma forma também sabia que me tinham dado o dom da profecia.

Mais tarde aperceber-me-ia de que esses homens eram provavelmente os guardiões dos Arquivos Akáshicos. De acordo com o hinduísmo, tudo que está destinado a acontecer-nos está contido nos Arquivos Akáshicos, e os meus doces monges estavam a dar-me acesso a eles. Que bênção que isso se revelou!

Dado o que a minha vida tem sido como médium, eu provavelmente deveria ter tido mais medo dos Três Amigos do que do homem do chapéu preto. Obrigado, rapazes! Que dom. Deram-me um instrumento para tocar e a perícia para tocá-lo, mas não sei dizer quantas vezes o pus no armário e tentei ignorá-lo. Mas é assim que é para muitas pessoas, não só para mim. Temos um destino, e por mais que tentemos, não podemos fugir dele. Temos de fazer o que temos de fazer.

Tenho a certeza de que foi por isso que fiquei tão doente quando tinha seis anos. Apanhei uma artrite reumática fortíssima, uma doença de velhos a invadir o corpo de uma pessoa nova. A minha febre era altíssima e a família levou-me ao hospital. Os médicos estavam a preparar-se para me submergir num banho gelado quando a febre baixou milagrosamente. Ainda assim, deixaram-me no hospital durante dias.

A minha família comportou-se adequadamente, aparecendo com um coelho de peluche para eu acarinhar. Mas eu sabia que faltava algo da parte da minha mãe quando ela olhava para mim, uma espécie de afeto genuíno. Ela não me tocou, limitou-se a fitar-me do fundo da cama. O que ela fez foi uma farsa de preocupação.

Eu sabia que podia morrer quando estava no hospital, mas não tive medo. Pensei sempre na morte, não de uma forma mórbida especial, mas com uma consciência simples e clara de que podia acontecer a qualquer momento. Reconheci a probabilidade da morte, da forma que as pessoas idosas reconhecem muitas vezes. Estava prestes a acontecer. Não era muito grave.

Sabia que podia subir ao próximo nível. Lembro-me de pensar nisso dessa forma, *subir ao próximo nível*, e não era com certeza nada que tivesse ouvido no jardim de infância católico. Não era o que a maioria das meninas pensava; sabia isso. O problema era que não me sentia ligada a ninguém à minha volta. Eu não era deste tempo, deste país, desta família. Talvez pudesse morrer, voltar e encontrar o meu lugar verdadeiro. Eu era a coisa na imagem que não lhe pertencia. O que está mal nesta imagem? Eu.

Mas não morri.

Não passei nesse ano, e tive de repetir o jardim de infância. Voltei para a escola mais velha do que as outras crianças e incapaz de brincar no recreio porque as minhas articulações inchavam e doíam-me. Não via a bola nos jogos, de qualquer forma. Não via as crianças.

Eu tinha vergonha e queria pertencer, e ao mesmo tempo sabia que não era uma criança, de qualquer forma. Quando as outras

crianças me arrelivavam ou me ignoravam, eu aceitava-o como o meu destino. Eu devia ser separada e diferente. Fora sempre assim para mim, não fora? Eu era uma velhota cega e aleijada. O corpo de criança era só um disfarce. E não me surpreendia que não enganasse as outras crianças.

Eu continuei a ter febres altas, pelas quais na verdade ansiava e das quais desfrutava. Confusa e delirante na cama, olhava para o teto, para os pequenos seres alados que flutuavam no canto do meu quarto. Tinham rostos de roedor, feios e bicudos, uma doçura irrequieta, e olhavam para mim com afeto. Estas versões bizarras de personagens da Beatrix Potter eram os meus amigos verdadeiros. Até hoje, tenho ratos de estimação em sua memória. Eram emissários, mas ainda não entendia a mensagem que me traziam.

Agora sabia que as pessoas como eu têm frequentemente doenças quando crianças, que as separam do mundo. Muitos dos médiuns que viria a conhecer mais tarde haviam sofrido vírus debilitantes e infecções estranhas e mortíferas. Muitos artistas, músicos e escritores também adoeciam seriamente quando eram crianças. Os xamãs sofriam quase sempre de alguma doença antes de serem identificados. Talvez houvesse alguma coisa na febre que tivesse mudado a forma como o meu cérebro funcionava, mas não creio que fosse isso, na verdade. Eu já era tão aberta aos espíritos antes da minha doença como depois. O que o meu reumatismo fez foi tornar impossível a minha participação na vida quotidiana. Como a minha cegueira, fez-me ficar virada para dentro, e foi isso que elevou os meus poderes metapsíquicos. Já li que os cavalos de corrida jovens são mantidos nas suas cocheiras individuais, exceto quando estão a treinar. Não os deixam brincar nos campos com os outros potros. Podem ferir-se. Podem desperdiçar energia. Não podem participar nas brincadeiras. São diferentes.

Mesmo com a minha família eu estava sozinha, e essa solidão fez-me explorar o único mundo que eu conseguia ver realmente, o mundo que era invisível para todas as outras pessoas. Se eu tivesse crescido numa família simpática, uma família normal com carinho

e amor, poderia ter esquecido quem era e tornar-me... bem, se não vulgar, então mais vulgar do que era. Mas isso nunca aconteceu. Eu nasci a saber que aquelas pessoas não eram a minha família verdadeira e que o seu lar não era o meu. O meu lar era noutro lugar – só que eu demoraria muitos, muitos anos a descobrir onde esse lar ficava realmente.

Um soldado veio ver-me. Estivera no Afeganistão. Tinha olhos de tubarão, vazios e mortos. A sua namorada marcara o encontro e arrasara-o até à loja. Ele deixou-se cair na cadeira à minha frente, com os braços cruzados de forma protetora à volta do abdómen. Não me olhava nos olhos.

– Tem muitos filhos – disse eu. – Consigo vê-los em toda a parte.

– Sim – murmurou ele. – Como queira.

– Quer saber onde estão?

– Não.

– A sério?

– Eu disse que não.

Enquanto falou comigo, vi-o com um pau na mão, a esmagar a cabeça de uma pessoa. Estava brutal, violento, descontrolado.

– É um tipo duro – disse eu. – Onde trabalha agora?

– Numa prisão de segurança máxima – disse ele.

– Magoa os presos – disse eu.

– Dou-lhes o que merecem. – Mexeu-se na cadeira de forma desconfortável, e olhou para a porta.

– Mas costumava ser um atirador furtivo – disse eu. – Matou muitas pessoas.

– Qualquer coisa assim. – A falta de emoção no seu rosto era perturbadora.

Uma menina entrara na sala e estava de pé ao seu lado. Com cerca de quatro anos e muito pequena, com cabelo castanho comprido, tocava no seu braço de forma protetora, como se o amasse.

– Vejo uma menina ao seu lado – disse eu. – Ela tem cabelo castanho comprido. Olhos verdes lindos.

– Não quero falar disso – disse ele bruscamente. Todo o seu corpo se tornara tenso subitamente. Começou a abanar-se para trás e para a frente, para trás e para a frente.

– Ela diz que não é sua culpa. Ela quer que saiba disso. Os seus pais nunca o deviam ter deixado a tomar conta dela. Era muito pequeno. Demasiado novo.

– *Eu não quero falar disto. Por favor, não podemos parar de falar disto?*

– *A sua irmã quer que saiba que o ama. Não é sua culpa que ela se tenha afogado na piscina. Nunca o culpou. Só era um ano mais velho do que ela. Também não sabia nadar. Ela ama-o tanto. Tanto.*

– *Por favor – implorou-me. – Podemos parar de falar disto?*

Não estava a chorar, nem mostrava nenhuma emoção, mas pelo menos eu sabia porque era um monstro. Não sei se isso o mudou ou não. Mas depois disso, um monte de guardas prisionais começou a telefonar-me para marcar encontros.

CONTOS DA CRIPTA

Quando era criança, era pequena e escura, com olhos castanho-escuros e duas tranças pretas que me caíam pelos lados do rosto. Não me parecia com ninguém da minha família. A minha mãe era loira, de olhos azuis. A minha irmã era loira de olhos azuis. O pai também era nórdico e loiro.

– Tu és filha de quem? – perguntavam-me parentes em festas.

– Da Anne – respondia eu, apercebendo-me da expressão confusa nos seus rostos.

Eu não me parecia com nenhum deles. Parecia a Wednesday Addams.

Parecia-me com o Steve.

O Steve era o homem que ia a nossa casa todos os dias, depois do pai sair para o trabalho.

Steve era um pirata, um louco, um ator fracassado, um mulhengo, um marinheiro, e um sem-abrigo que vivia sob a ponte Verrazano no seu carro, como um *troll*. E era também o meu pai verdadeiro.

Todas as manhãs, o pai ia embora no seu *Renault* verde, e o Steve vinha no seu carro, também, por coincidência, estranhamente, de forma confusa, um *Renault* verde. Estacionava sempre ao fundo

da rua, um pouco distante da nossa casa, e depois caminhava até à nossa porta. Desde muito pequena que era a vigia. Espreitava pela janela, a ver o carro do pai virar a esquina, esperando não o voltar a ver mais nessa manhã, que não se tivesse esquecido de nada, que não voltasse. Avisava a minha mãe quando via o Steve com a sua gabardina, um cigarro pendurado na boca. Um sorriso nos lábios, a aproximar-se da porta da frente. Tínhamos de o deixar entrar depressa, antes de os vizinhos verem.

Esta loucura diária tornava-me completamente neurótica. Estava constantemente enervada. *E se alguém vê? E se o pai vem para casa? E se alguém se apercebe de que o Steve é o meu pai verdadeiro?* Sempre soube que era filha dele. Mesmo se ele não mo tivesse dito, não me tivesse sussurrado que quando fizesse vinte e um anos podia mudar o meu nome para o dele, eu teria sabido. O Steve e eu éramos almas gémeas, e eu adorava-o.

O pai era um rosto agradável atrás do jornal. Era muito bondoso, mas em toda a minha vida nunca tivemos uma conversa. Ele estava lá. Era uma constante. Era parte da mobília. Devia saber que eu não era sua filha, mas nunca falou disso. Na verdade, anos mais tarde, muito depois de ter morrido, visitou-me e disse-me que soubera de tudo e que não importava, acrescentando que eu devia deixar de cozinhar com panelas de Teflon porque causavam cancro. Às vezes jogava à bola comigo no quintal, mas claro que eu não via a bola. Ele trabalhava. Lia o jornal. Jogava golfe. Se eu estivesse a atribuir papéis num filme da minha vida, o papel dele seria desempenhado por Henry Fonda.

E quanto ao meu pai verdadeiro, ao Steve, eu atribuiria o papel a Errol Flynn.

Na verdade, o Steve costumava vestir-se de Robin dos Bosques. Tenho uma fotografia dele na floresta de Sherwood verdadeira. Ele gostava de brincar na floresta com a fantasia completa – *collants*, um chapéu de Robin dos Bosques, arco e flecha verdadeiros. Ele adorava fantasiar-se e sempre quis que as suas fantasias fossem o mais historicamente corretas possível. O justilho e o cinto eram feitos de couro

verdadeiro. Ele tinha espadas que dizia terem vindo do local de filmagens do filme *Robin Hood*, e bem... podiam ter vindo. Ele estivera em Hollywood durante uns tempos.

Antes de a minha irmã nascer, quando a minha mãe ainda era recém-casada, ela trabalhava no Wanamaker's em Manhattan, no departamento de produtos de beleza. Um dia, ao almoço, ela estava a caminhar pela Quinta Avenida quando um homem incrivelmente bonito a abordou. Ela teve a certeza de que ele era uma estrela de cinema, talvez o Tyrone Power. Ele sorriu-lhe.

A minha mãe era muito loira e muito bonita.

– Desculpe, minha querida – disse o estranho suavemente. – Pode dizer-me como chego ao Carnegie Hall?

Já deslumbrada, a minha mãe ofereceu-se para o levar lá. Ela sabia que tinha visto o homem num filme. Só que não conseguia lembrar-se qual.

– Porque não me dá o braço? – perguntou-lhe ele ao caminhar.

Ela agarrou o braço dele com o seu. E ao fazê-lo reparou num som rumorejante que vinha dos pés dele. Olhou para baixo e viu jornais amarrotados a saírem-lhe das solas dos sapatos. Ela apercebeu-se de que as calças que ele usava estavam rotas e sujas, e que debaixo da gabardina não havia um fato elegante, mas sim restos e trapos. Mas ele tinha um certo encanto. Foi o que ela me disse mais tarde, foi como ela o explicou. Ele tinha um certo encanto.

E ela tinha razão. Ele tinha um certo encanto.

Por isso, a minha mãe, casada, católica e religiosa, começou um caso amoroso de vinte anos com um sem-abrigo que conheceu nas ruas de Nova Iorque. E eu fui o fruto desse caso.

Ela fazia-lhe ovos com *bacon* todas as manhãs enquanto eu ficava de guarda na sala de estar.

– Se o pai chegar a casa, temos de esconder o Steve – explicara-me a minha mãe, e eu tinha uma grande ansiedade acerca dos meus dois pais se encontrarem. Inúmeras vezes, quase o fizeram.

Senti que a minha cabeça ia explodir. O mundo estava cheio de coisas sobre as quais eu não devia falar. Via espíritos que não devia ver. Via pessoas reais que tinha de fingir não conhecer. Se eu cometia um erro, se mencionava ao pai que eu e a mãe havíamos ido a uma loja ou a uma sessão do filme *Doctor Dolittle*, a minha mãe agarrava-me o braço, beliscando-o com força, enterrando as unhas na minha pele, e olhando para mim furiosamente com as sobrancelhas arqueadas. É que ela não sabia conduzir.

– Como foram? – perguntava o pai.

Tudo tinha de lhe ser ocultado, todas as atividades, todos os brinquedos e livros que o Steve me comprasse. Eu não fazia ideia do que era seguro dizer ou não. Aprendi a não falar de nada, mas isso fez-me sentir doída.

Comecei a cair dentro de espelhos. Eu entrava na casa de banho para escovar os dentes e duas horas mais tarde ouvia a minha mãe a gritar comigo: «Onde estás? O que estás a fazer?» A minha escova de dentes estava no lavatório. Onde estivera eu? O que fizera?

Os espelhos, para mim, eram como portais para outros mundos. Talvez haja alguma verdade sobre o poder refletor das bolas de cristal, apesar de eu nunca ter usado nenhuma. Em adulta eu tinha de cobrir os espelhos frequentemente para que não me puxassem, e até hoje não olho para eles, mas em criança não conseguia dizer a ninguém o que estava a acontecer.

Começava com um zumbido que emanava das imagens refletidas dentro do mundo espelhado. Eram vozes, tantas vozes, centenas de vozes, em línguas que eu por vezes reconhecia mas habitualmente não, e todas clamavam pela minha atenção. Precisavam que as ouvisse. Tinham coisas a dizer. Tantas coisas urgentes e desesperadas a dizer. Eu não conseguia mexer-me; estava a tentar ouvi-las com todas as células do meu corpo, e perdia toda a noção do tempo. As vozes eram hipnotizantes. E sempre, algures atrás delas, entre elas, escondido nas sombras, estava o homem do chapéu preto. Estava a atormentar-me? Estava a tentar enlouquecer-me? *Estava* eu louca? Fiquei preocupada. Mesmo quando era uma menina, sabia que só as pessoas loucas ouviam vozes nos espelhos.